

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



TEATRO SÃO JOÃO
14—17 SET 2023

um irmão não morre.

dur. aprox. 3:30 com
intervalo

M/16 anos

As Areias do Imperador

a partir do
romance de
Mia Couto

adaptação e encenação

Victor de
Oliveira

qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

cenografia
Margaux Nessi

música original
Ailton Matavela

vídeo
Eve Liot

desenho de luz
Diane Guérin

desenho de som
Samuel Gutman

figurinos e adereços
Sara Machado

pinturas e esculturas
Butcheca

colaboração dramática
Charlotte Farcet

direção de cena
Camille Faure

legendagem
Jorge Tomé

assistência de figurinos
Natty Polak

assistência de encenação
Venâncio Calisto

interpretação
**Ana Magaia, Bruno Huca,
Daniel Pinto, Elliot Alex,
Eunice Mandlate, Horácio
Guiamba, Isabelle Cagnat,
Josefina Massango,
Lucrécia Paco, Klemente
Tsamba, Mário Santos,
Miguel Moreira, Miguel
Nunes, Sofia Moyane,
Victor de Oliveira**
participação especial
Gracinda Nave

coprodução
**En Votre Compagnie,
Teatro Nacional D. Maria II,
Centro Cultural Franco-
-Moçambicano (Maputo),
Teatro Aveirense, Le
Grand T – Théâtre de
Loire-Atlantique, MC93
– Maison de la Culture
de Seine-Saint-Denis,
Malraux – Scène Nationale
Chambéry Savoie, Les
Célestins – Théâtre de
Lyon, Teatro Nacional
São João**

apoio
**Ministère de la Culture
– Direction régionale
des affaires culturelles
d’Île-de-France, Instituto
Camões (Maputo e Paris),
Institut Français, La
Colline – Théâtre National,
Universidade de Aveiro,
Roundabout.LX**

estreia 8 Set 2023
Teatro Aveirense (Aveiro)



“UM TREMENDO CAMPO DE POSSIBILIDADES”

VICTOR DE OLIVEIRA

Estou a fingir que estou a falar de outras pessoas que já não estão connosco, mas estou a falar de nós próprios. Estou a mentir ao dizer que estou a falar do passado, mas estou a falar do presente. É isso que me interessa e foi isso que me entusiasmou a escrever este livro.
— Mia Couto

Em 2019, quando da criação do espetáculo *Incêndios* [de Wajdi Mouawad] em Maputo (a minha primeira encenação no meu país natal, com uma equipa de atores e técnicos moçambicanos), eu sabia que teria absolutamente de prolongar a relação, teria de ir mais longe, aprofundar a história atormentada deste país e deste continente. Com *Incêndios*, eu tinha, de certa maneira, voltado à minha infância e à história da guerra civil que devastou o país.

Quando pensei na melhor maneira de continuar essa relação, o romance *As Areias do Imperador* apareceu-me quase como uma evidência, porque havia o mesmo constato. A história da colonização portuguesa, ou mesmo os últimos anos de Ngungunyane, o imperador de Gaza, não são o centro da história. O centro é a história de amor de Imani e Germano e a vida de todos aqueles que habitam os seus universos. Ou, como diz Mia Couto, a “verdadeira personagem desta história é o tempo, num sentido plural, porque os passados são construções, são escritos e reescritos”.

A narrativa de Imani Tsembe (a africana a quem um padre ensinou a falar português) liga-se à narrativa do sargento Germano de Melo, um republicano português exilado pela coroa na região de Gaza. Essa longa história é um mergulho na África íntima do fim do século XIX. Estas personagens encarnam as contradições da colonização, entre o fascínio pelo ocidente e a descoberta de povos enraizados nas suas terras e tradições, cativantes e complexos, e trazem tudo isso até hoje.

Ao descobrir *As Areias do Imperador*, tive a impressão de descer ainda mais

profundamente não apenas na história de Moçambique, mas na minha própria história. De certa forma, Imani e Germano são como os meus avós. Sendo neto de colonizadores e de colonizados, de brancos e de negros, sou fruto da história terrível que se construiu durante 500 anos.

“A História é mais complexa que uma leitura que poria de um lado os bons e do outro os maus, de um lado os heróis e do outro os vencidos”, escreve Mia Couto. É exatamente o que ele nos mostra de uma maneira magistral no romance. A partir da história de amor entre uma mulher negra e um homem branco, mergulhamos na intimidade de grandes e pequenas personagens que fizeram e desfizeram as relações entre os povos africanos e europeus. É uma história que mistura destinos individuais e a grande História, esplendor e decadência, orgulho e humilhação, desespero e resiliência. Está lá toda a força dos grandes romances clássicos do princípio do século XX e, no entanto, trata-se de um texto atual, pois a língua reinventa-se a cada página, a forma reconstrói-se sem parar, e vemos assim uma pintura de um grande classicismo, ao mesmo tempo que se ergue à nossa frente uma obra terrivelmente contemporânea. E é esta capacidade deslumbrante de conciliação de dois mundos, sejam eles africanos e europeus, clássicos e contemporâneos, que dá a esta obra uma vertente teatral fascinante. Constrói-se um universo no qual as personagens históricas convivem com personagens de ficção, personagens do passado convivem com personagens do presente, imagens de uma África longínqua e misteriosa misturam-se com uma África decididamente moderna e orgulhosa. Um mundo deve erguer-se no palco, fazer-nos viajar, levar-nos para longe, bem longe. Entramos nele como num vasto mundo desconhecido, onde devemos aceitar as regras, as paisagens e os seres. Com as personagens de Mia Couto, as suas imagens e as suas línguas, partimos para uma grande aventura onde ele nos leva pela mão, fazendo-nos descobrir mitologias, rituais e crenças. Não se trata de um mundo habitado por africanos e europeus. Ele é habitado simplesmente por homens e mulheres, próximos e distantes de cada um de nós.



A minha pátria é a fronteira. Não vejo isso como um drama, ao contrário, é uma riqueza. Alguns imaginam de maneira ilusória que têm apenas uma identidade. Em Moçambique, como no mundo inteiro, os seres humanos são feitos de múltiplas identidades.

— Mia Couto

Aqui está uma citação de Mia Couto que define muito bem *As Areias do Imperador* e que se parece muito comigo. Foi daqui que parti para adaptar e recriar no palco a obra-prima do autor moçambicano.

Mia Couto parte da fronteira para escrever o seu romance e é a fronteira, esse lugar do “entre dois” que conheço tão bem, que me interessa procurar num projeto como este. A equipa de trabalho é composta por atores e técnicos moçambicanos, portugueses e franceses, a adaptação do texto e a encenação tentam explorar espaços onde se interrogam os clichés, para dar uma outra imagem dos mitos com os quais todos nós crescemos e que supostamente representam África.

Ter como matéria um texto tão livre em termos formais permite-me explorar e interrogar constantemente a maneira mais justa de contar esta história num palco de teatro.

É para mim difícil dar uma resposta sempre que me fazem perguntas sobre o teatro contemporâneo moçambicano, isto porque o país ainda é tão jovem, com os seus quase 50 anos de independência, que seria arriscado falar de herança teatral. Ela existe, mas está ainda em crescimento, todos os dias. As dificuldades são tantas que se torna complicado, nessas condições, interrogar, procurar, criar. É difícil reescrever a herança histórica e tradicional para erguer uma muralha contra as mistificações e os exotismos inventados pelo pensamento colonial. Mas, então, o que é que podemos criar hoje? Como é que podemos descolonizar as formas e os quadros ocidentais? Trata-se de uma pergunta que me acompanha sempre que vou a Maputo trabalhar. Se, por um lado, ainda hoje nos é difícil falar de teatro contemporâneo moçambicano, por outro, tudo é ainda possível. E esse campo de possibilidades é fabuloso, pois contornar os códigos e as convenções do teatro ocidental não seria apenas um desejo, mas essencialmente uma vontade de independência e uma necessidade de criatividade. Tudo é possível e *As Areias do Imperador* são um tremendo campo de possibilidades.

"A MINHA PÁTRIA É A FRONTEIRA"

Entrevista com MIA COUTO,
conduzida por PIERRE BENETTI.*

A impressão que fica da leitura de *As Areias do Imperador* [*Les sables de l'empereur*, volume único editado em França em 2020 que reúne a "trilogia moçambicana" de Mía Couto] é a de que a sua escrita não é mais a mesma: ela comporta agora poucos neologismos. Na verdade, eles não existem.

A ideia de me libertar de um português inventado, neológico, começou antes deste livro, com *A Confissão da Leoa* [2012]. Queria escrever num outro registo, surpreender-me a mim próprio. O meu plano continua a ser o de contar uma história pelo viés da poesia e creio que permaneço nesse território. Quando escrevo, vejo-me mais como tradutor do que como escritor, porque habito um espaço de fronteira: entre a oralidade e a escrita, entre uma racionalidade de origem africana e uma outra de raiz europeia, entre línguas diferentes, que exprimem cosmogonias e pontos de vista diversos. Sou um pouco como um contrabandista...

De onde vem essa necessidade de se libertar de uma língua que tinha criado?

Sentia-me prisioneiro dessa construção. Pensamos que somos o autor de um livro, mas de facto o livro é o nosso próprio autor, produz-nos a nós mesmos. Precisava de me sentir livre para dizer outra coisa, de outro modo. Percebi também que alguns leitores se ficavam pela dimensão estética do meu trabalho. Não se davam conta de que essa transformação da norma pretendia revelar outras possibilidades da língua portuguesa e da forma de pensar. Não foi uma decisão súbita, refleti bastante. O maior inimigo da beleza que eu queria criar era essa ideia de "fazer bonito".

No texto em português, qual o lugar da língua dos VaChopi, o povo de Imani?

Não falo essa língua, que pertence a um grupo

linguístico do sul de Moçambique, mas compreendo uma língua similar. Os falantes têm sempre uma grande dificuldade em nomear a sua própria língua. Essas línguas não estão normalizadas do ponto de vista ortográfico. De cada vez que perguntava alguma coisa, eram-me dadas respostas diferentes. Por isso, em cada um dos três volumes da história, encontram-se diferenças entre as palavras. E depois encontrei Alfonso Silva Dambile, que me salvou.

Quem é?

É um velho homem que conhece muito bem a história do seu povo. Todas as pessoas com quem me cruzei para escrever este livro me falavam dele, uma espécie de sábio, um erudito. A dado momento, ele disse-me: "Pouco importa se te digo a verdade, já que és um escritor!"

Traduz você mesmo as línguas de Moçambique?

Faço-o de modo indireto, porque não tenho um conhecimento suficiente de todas as línguas do país. O que me interessa na compreensão de uma palavra numa outra língua é a forma como foi construída a realidade por detrás dessa palavra. E o que me interessa mais ainda é a razão por que certas palavras não existem. Por exemplo, a palavra "futuro".

Como vê a evolução do português em Moçambique?

É uma língua em construção, um pouco como um adolescente que não obedece aos pais. Está em curso um processo de normalização, que vai do português às línguas moçambicanas. Em Moçambique, por exemplo, diz-se "duas horas de tempo", o que parece um pleonismo, mas é preciso dizer assim, porque corresponde a uma certa ideia de tempo. Em geral, não gosto muito da ideia de fixar as coisas: quando se quer normalizar as línguas ou as pessoas, há sempre um lado negativo, mesmo que eu compreenda que é necessário. Com este livro, todos sofreremos muito... De cada vez que se fixava uma palavra em chope,¹ alguém nos dizia uma palavra diferente. Impor uma língua única num país que

acolhe vinte e cinco é um ato de violência. Não direi que é uma violência colonial, mas é ainda assim uma violência exercida sobre a diversidade dessas línguas. Deu-se uma grande mudança em Moçambique depois da independência, com Samora Machel, que queria criar uma identidade nacional: era proibido falar a língua materna. Hoje, a situação mudou. Aprende-se a língua materna e o português. Estou contente por isso, mas não otimista, porque, para fazê-lo bem, seriam precisos meios que Moçambique não tem. Quando se quiser normalizar e ensinar na escola a língua macua, por exemplo, vão surgir cinquenta variantes dialetais a dizer que não se trata da verdadeira macua. A normalização das línguas traz novos conflitos.

Há uma outra novidade em *As Areias do Imperador*: trata a violência de uma maneira muito direta, muito pouco metafórica.

Sim, é verdade. No passado, viver com a violência das guerras que conheci era tão traumatizante que preferi seguir uma via metafórica.² Tratava o que era cruel quase com doçura. Não sei se o tempo foi o responsável, já que agora essa realidade é longínqua, mas precisei de recorrer a uma linguagem mais direta, mais crua. Hoje, utilizo a história, o passado, para falar do presente.

De que presente?

Em Moçambique, a história é muito elástica: não houve um período de paz desde a independência. Estamos no terceiro acordo e ainda não temos a paz total. Esta violência tem algo que ver com a não-resolução dos conflitos do passado. Um deles é o que descrevo em *As Areias do Imperador*, entre o Estado de Gaza do imperador Ngungunyane e o Portugal de Mouzinho de Albuquerque. Nesses conflitos há sempre uma componente religiosa. A religião dominante em Moçambique, que não tem nome, mantém uma ligação com o culto dos antepassados. Conserva uma relação vital com a terra, as pessoas e os antepassados. A terra é sagrada: nela estão os mortos; invadir um território é como destruir uma igreja. Aliás, o romance começa com uma termiteira, um lugar de nascença que é também um lugar

sagrado. Violências dessas obrigam as pessoas a fugir, como faz Imani.

O romance adota o ponto de vista de um povo moçambicano que se bate com Portugal e o de uma personagem que é ao mesmo tempo mulher, jovem e tradutora. Esse ponto de vista, do “entre dois” e da minoria, é o seu?

Sim, é o meu, sou assim: a minha pátria é a fronteira. Não vejo isso como um drama, pelo contrário, é uma riqueza. Não é difícil ter esta posição. Alguns imaginam, de forma ilusória, que têm uma única identidade. Os seres humanos vivem entre identidades múltiplas. Isso é muito comum em Moçambique, onde cada um fala uma língua que não era a sua e tem duas ou três religiões. À noite, as pessoas comunicam com os seus antepassados; durante o dia, são católicos ou muçulmanos. E não veem aí nenhum conflito! Por isso, podem olhar-me como um deles. Interpelam-me na rua, como se eu fosse um jogador de futebol, pedem-me que transmita mensagens. Viajo com frequência, mesmo na minha cidade, caminho a toda a hora. O biólogo que sou pode não saber muitas coisas, mas caminha muito...

A relação das suas personagens com as árvores, os rios, a terra, é muito importante. Descreve um mundo desaparecido, destruído?

Tudo o que descrevo existe ainda em Moçambique. Encontro com frequência esta relação muito antiga, mas muito viva, entre os indivíduos e a natureza. As pessoas podem transformar-se numa árvore ou num leão, não há uma fronteira de identidade absoluta. Se se pergunta a um moçambicano como nomear “a natureza”, ele não tem nenhuma palavra. A natureza está em nós, nós estamos nela, trata-se de uma só identidade. Não creio que um dia tenha havido uma natureza intacta, sem o rasto da mão do homem. De algum modo, criou-se uma segunda natureza. Fala-se muito dela, mas sem a apreendermos ou compreendermos: o que nomeamos como natureza é a vida ela mesma.

Essa sua descrição não vai no sentido de um discurso que vê a natureza como sendo “a preservar” e que permanece centrado numa visão ocidental.

Sim, as culturas locais são intrinsecamente globais e ecológicas! No decurso da minha vida, parti de um ponto de vista europeu e fui na direção de uma outra coisa. Isso ajudou-me imenso como homem de ciência e como ser humano. Aprendi que tinha uma relação de parentesco com as árvores, os rios, as pedras.

Em que consistiu esse itinerário?

Perdi o medo. Já não sinto necessidade de grandes certezas. Estou disponível para compreender outros tipos de conhecimento. A escrita, por seu lado, é simplesmente uma maneira de organizar o que existe em mim. Ajuda-me a dar um sentido ao que desconheço. África deu-me uma bela prenda: não ter medo da ignorância, descartar o sentido da previsão, não fazer da compreensão do mundo uma forma de dominação ou controlo. Nunca se controla nada.

Todavia, ao escrever, fixa-se qualquer coisa.

Sim... Gosto muito dessa contradição!

Qual a principal dificuldade na escrita destes três romances reunidos num só livro?

Esta história é como uma árvore, ramificou-se pouco a pouco. Era preciso podar esta árvore para que se desenvolvesse. O último volume foi o mais difícil, necessitava de dar um remate à história. Escrevo porque fico fascinado pelas personagens, pelas potencialidades que elas me oferecem. Para que haja uma conclusão, é necessário matar a personagem e pôr fim às suas possibilidades. Parto sempre das personagens, são elas que contam a história. E parto também do princípio de que não quero saber como lá chegam. É uma escrita muito obsessiva, que me desperta durante a noite para me dizer coisas. As personagens existem, possuem-me. Depois, tenho de as esquecer. Não sei fazer de outro modo.

Na sua opinião, quais os autores moçambicanos a traduzir e a difundir?

Há Ungulani Ba Ka Khosa, que também escreveu um livro sobre o imperador Ngungunyane, *Ualalapi*; Paulina Chiziane, que tem um livro traduzido em francês (*Niketche – Uma História de Poligamia*); e há muitos jovens, que escrevem sobretudo poesia, dado que Moçambique tem uma tradição poética muito forte. Eu próprio, quando escrevo um romance, escrevo poesia ao mesmo tempo. É como uma chuva que limpa o céu.³

O que poderemos ler de si num futuro próximo?

Estou a terminar um romance [*O Mapeador de Ausências*, 2020] sobre a minha infância e adolescência na cidade da Beira, no centro de Moçambique, que conta o fim de um mundo, o mundo colonial, no qual cresci, e o fim do meu próprio reino, a minha infância. Continuo no mesmo registo de *As Areias do Imperador*, mas estou a recolher documentação para cada uma das personagens. Cada uma delas terá a liberdade de falar o português que deseja. Não vou ser radical e dizer que nunca mais regressarei aos neologismos... Mas, na verdade, não quero refazer o que já fiz. Além do mais, só me releio quando a isso sou obrigado. Tive de o fazer para a adaptação ao cinema do meu romance *A Varanda do Frangipani*. Senti tanta vergonha que reescrevi o livro.

-
- 1 Língua de matriz banta falada pelos Chopos, etnia dispersa pelas províncias de Inhambane e Gaza, em Moçambique.
 - 2 Nos anos 70, ligado à luta pela independência de Moçambique, Mia Couto tornou-se membro da FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique.
 - 3 Mia Couto tem um livro de poesia intitulado *Tradutor de Chuvas* (2011); o primeiro livro que publicou, *Raiz de Orvalho* (1986), é também de poesia.

* In *En attendant Nadeau*, revista online francesa de Literatura, Ideias e Artes; n.º 101, 25 de março de 2020.

Trad. Fátima Castro Silva.

Sou uma raça, sou uma tribo, sou um sexo, sou tudo o que me impede de ser eu mesma.

produção executiva

Inês Sousa

Mónica Rocha

direção de palco

Emanuel Pina

adjunto do

diretor de palco

Filipe Silva

direção de cena

Andrea Graf

luz

Filipe Pinheiro

coordenação

Adão Gonçalves

Alexandre Vieira

José Rodrigues

Marcelo Ribeiro

Nuno Gonçalves

maquinaria

Filipe Silva

coordenação

António Quaresma

Carlos Barbosa

Joel Santos

Jorge Silva

Lídio Pontes

Nuno Guedes

Paulo Ferreira

som

Joel Azevedo

coordenação

António Bica

Miguel Pereira

vídeo

Fernando Costa

APOIOS À DIVULGAÇÃO



COMBOIOS DE PORTUGAL



STCP



98.9 NOVA

AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

AGRADECIMENTOS

AS AREIAS

DO IMPERADOR

Clayda Beque

Claude e Anne-José

Nessi

Cheny Wa Gune

Christophe Dumont

Dhemas Rainha

Edgar de Oliveira

Jean-Louis Sauvat

Kitty Furtado

Lenna Bahule

Marta Angelozzi

Marta Belém

Matanhane

Nhamucume

Melissa Babil

Miss Suzie

Phayra Baloi

Paulo Zacarias

Edição
Teatro Nacional
São João

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
João Tuna

impressão
Empresa Diário
do Porto, Lda.

Não é permitido filmar,
gravar ou fotografar
durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e outros
dispositivos eletrónicos é
incómodo, tanto para os
intérpretes como para os
espectadores.



O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO



EN VOTRE COMPAGNIE
Administration • Production • Diffusion

